



16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: “40 anos da “Virada” do Serviço Social”

Brasília (DF, Brasil), 30 de outubro a 3 de novembro de 2019

Eixo: Serviço Social, Relações de Exploração/Opressão de Gênero, Raça/Etnia, Geração e Sexualidade.

Sub-Eixo: Ênfase em Geração.

ALIENAÇÃO, COISIFICAÇÃO DA MULHER E IDEOLOGIA DOMINANTE NO AMBIENTE DO PARTO

Mariana Oliveira Decarli¹

Resumo: Trata este artigo de tema central do feminismo. Buscando articular categorias marxistas fundamentais numa apropriação criativa acerca da alienação, coisificação no interior da sociedade capitalista e a ideologia dominante sob o olhar da mulher no ambiente do parto e como sua vida é tratada no interior do complexo Patriarcado-racismo-capitalismo.

Palavras-chave: Alienação, coisificação, ideologia, mulher e parto.

Abstract: This article talks about central theme to feminism. Seeking to articulate fundamental Marxist categories to an creative appropriation of the alienation, coisification within the capitalist society and the dominant ideology under the view of the women on ambience of childbirth and how their life is treated within the patriarchal complex-racism-capitalism.

Keywords: Alienation, coisification, ideology, woman and childbirth.

Introdução

A vida das mulheres foi fundamental na acumulação primitiva e a caça às bruxas foi além de processo cultural, político, ideológico - determinante econômico que auxiliou na produção de excedente e, na América Latina, teve recortes específicos - onde a população originária, negra e pobre teve papel central (FEDERICI, 2017). O processo de constituição da mulher no interior da cadeia produtiva e reprodutiva foi reduzido ao ambiente doméstico como principal atividade de sua vida apresentando distintas implicações no âmbito racial, étnico e de classe. Ao estabelecer novos padrões do que significa ser mulher na sociedade capitalista, a importância da maternidade e da feminilidade constituem-se bases de manutenção do patriarcado. Destaco a vida das mulheres e a necessidade da reprodução reivindicada socialmente.

A contribuição de Safiotti (1985) estabelece reflexão acerca da vinculação entre produção e reprodução nos distintos momentos de desenvolvimento do capitalismo, a distinção daquilo que é exigido das mulheres nos momentos de maior necessidade de reprodução da força de trabalho, assim como seu oposto.

O capitalismo concorrencial tem um pronunciado interesse pela reprodução da força de trabalho, enquanto o capitalismo monopolista, face à abundância de mão-de-obra, interessa-se por limitar o número de nascimentos, prevendo as

¹ Estudante de Pós-Graduação, Universidade Católica Pontifícia de São Paulo, E-mail: mmariana.as@gmail.com.

pressões que os futuros excedentes demográficos desencadearão no mercado de trabalho (SAFFIOTI, 1985, p.101).

Saffioti (1985) também estabelece que existe uma “simbiose entre o patriarcado e o capitalismo”:

[...] Esta última hipótese parece ser a mais plausível e heurística, desde que o patriarcado seja concebido como um sistema de dominação social, cultural, política, ideológica e econômica. Concebido com todas estas dimensões, que também estão presentes no capitalismo, elimina-se a necessidade da busca das origens da sujeição da mulher pelo homem, exclui-se a hipótese da autonomia relativa, de um lado, da produção de bens, e, de outro, da produção de seres humanos, e, sobretudo, deixa-se de pensar em eventuais tensões entre o patriarcado e o capitalismo, já que o raciocínio encaminha-se para a compreensão da simbiose entre estes dois sistemas (SAFFIOTI, 1985, p.105).

Entende-se o processo de construção do ambiente do parto e suas determinações como parte fundante do próprio complexo social do capitalismo, onde o parto adquire características peculiares e determinadas por uma estrutura social também pré-determinada.

Trabalho alienado e ambiente do parto

O trabalho - enquanto categoria fundante do ser social – é a objetivação da possibilidade de vincular-se a uma totalidade humana. Que quer dizer que, ao objetivar-se através do trabalho, homens e mulheres têm a possibilidade de contemplar a si mesmos num mundo criado por eles (MARX, 2010). Compreender sua relação objetiva e subjetiva com aquilo que cria – não somente mercadoria, mas todo o complexo social que se desenvolve – possibilita a vinculação com a genericidade humana. No interior da sociedade capitalista essa possibilidade é estranhada ao ser social, transformando a vantagem sobre o ser natural animal em desvantagem. Ou seja, ao transformar o trabalho em algo estranho a homens e mulheres a sociedade capitalista usurpa a possibilidade de efetivação do ser social, a possibilidade de transformar o ser natural em social; a possibilidade de desenvolver consciência teleológica, consciência que planeja futuros, que lança mão de reflexões sobre possibilidades. De maneira análoga, as mulheres ao longo do desenvolvimento das sociedades de classes foram sendo usurpadas de sua capacidade de envolvimento com o parto, de sua capacidade de participar efetivamente de algo que lhes é fundante, no sentido de que são as mulheres que tem a capacidade de gestar, parir e amamentar.

O processo de usurpação das mulheres do poder que envolve o ambiente do parto e o parto, mas também a sexualidade de maneira geral pode ser interpretado sob a perspectiva destacada acima, onde afastando as mulheres da possibilidade de objetivação, afasta-se também sua capacidade teleológica. Nesse sentido, ao afastar a mulher de sua capacidade social a violência que sobrepuja a mulher no ambiente do parto adquire a

perspectiva do animalesco, daquele ser que se aproxima do animal – a mulher e a consequência deste processo que é sua contenção. A desumanização, tornar aquele ser animal, é um passo fundamental para a violação de seus direitos. No que diz respeito a vida das mulheres o processo de biologização e/ou naturalização do seu ser como inferior, com determinações sociais específicas no contexto social (como ser responsável pelo lar, pelo cuidado dos filhos, ser frágil, ser irracional) são formas de adequação que classificam a mulher no lugar animalesco, primitivo, irracional. Entendo este processo como uma das bases de sustentação fundamental da violência – a desumanização através da animalização-irracionalidade.

Na medida em que o trabalho estranhado 1) estranha do homem a natureza, 2) [e o homem] de si mesmo, de sua própria função ativa, de sua atividade vital; ela estranha do homem o *gênero* [humano]. Faz-lhe da *vida genérica* apenas um meio de vida individual. Primeiro, estranha a vida genérica, assim como a vida individual. Segundo, faz da última em sua abstração um fim da primeira, igualmente em sua forma abstrata e estranhada (MARX, 2010, p.84. Grifos originais).

O estranhamento do ser genérico - sentido por homens e mulheres - coloca em questão o reconhecimento em si do outro, o reconhecimento de outro ser humano como ser humano (MARX, 2010). *Estranhadas* estão as relações dos seres entre si. A mulher no ambiente do parto assume o lugar do outro que não é reconhecido pelo seu próprio gênero humano. Primeiro por estar *estranhada* na sua relação com seu próprio corpo e processos, segundo porque o processo de estranhamento causa uma cisão entre ela e o outro. Mobiliza-se nesse interím o estranhamento da mulher, de seu corpo, do parto e de sua sexualidade. O processo de violência, tendo terreno fértil para se perpetuar aparece no ambiente do parto como assistência fetichizada pela ordem médica.

O processo de parto passa a ser considerado trabalho a partir da ideologia do sofrimento, do pecado, da dor. Diante dos processos mercantilizados que vive-se no interior da sociedade capitalista o trabalho de parto também está relacionado com o fundamento trabalho. Estabelecendo relação, seria possível entender que o trabalho de parto envolve uma série de categorias que podemos chamar aqui também de fundantes do ser humano. O nascimento de outro ser humano envolve toda a socialização da mulher, da comunidade e cultura na qual ela está inserida, da rede de apoio que ela tem ou não, dos direitos sexuais e reprodutivos, da sexualidade etc. Assim, o fato é que o nascimento de outro ser humano envolve todo o complexo social e sua dinâmica. Nesse sentido, algumas categorias utilizadas para definir o trabalho como processo alienado aos trabalhadores e trabalhadoras tem serventia quando relacionados o parto como processo alienado à mulher, onde ela é afastada pelo estruturado conhecimento de seu corpo no parto (contrações, dilatação, movimentos, alívios não farmacológicos de dor, respeito ao corpo) como pode ter dificuldades de criar e construir vínculos com seu bebê e não reconhecer que ela foi

principal sujeito gerando uma nova vida através de sua ação de partear. A classificação dos corpos das mulheres estabelece terreno para a medicina moderna intervencionista e tecnológica pela lógica econômica considerando os corpos como eficientes ou ineficientes, hábeis ou inábeis, são ou doentes.

Martin (2006) demonstra como as mulheres e seus corpos foram comparados a máquinas e processos produtivos e a complexos ideológicos surgidos ao longo do desenvolvimento do capitalismo. Apresenta como

[...] as metáforas da produção informam as descrições médicas do corpo feminino. A maioria dessas metáforas claramente relacionada a formas familiares de produção em massa, em que se dá valor a grandes quantidades e à eficiência de larga escala. (2006, p. 24)

Marx (1985) debatendo a questão da mercadoria, coloca que ela adquire um caráter místico, mágico no interior dos processos de produção do capitalismo. Porque o trabalho despendido para a produção fica escondido no produto, como que imperceptível. A mercadoria ganha, portanto, um caráter de aparição, algo que de repente se coloca ali frente aos olhos. O processo no qual o trabalhador não reconhece a si mesmo como parte fundamental do resultado – sendo que, em realidade, são os trabalhadores e trabalhadoras que têm a capacidade de produzir, eles que detêm a força de trabalho - chama-se alienação. Assim também se sente a mulher que não reconhece no processo do parto sua ação, que não se reconhece no ambiente do parto, que não entende como aquilo ocorreu, como aquele bebê está ali em seus braços. Todo o processo que envolve o parto foi a ela alienado. O médico torna-se a figura, fora do corpo e da capacidade da mulher, que detém as capacidades que são na verdade dela. O médico aparece como a pessoa central da equação porque ele salvou o bebê de um ambiente hostil e perigoso.

Guardadas as devidas proporções e estabelecendo os nexos possíveis, a ordem médica não reconhece na mulher o papel fundamental do processo, considerando o bebê como resultado, como a “mercadoria” que eles foram capazes de trazer ao mundo diante de todo seu instrumental e técnica. Os médicos relacionam-se com as mulheres como se fossem coisas, com seus bebês como se fossem coisas. E a coisificação da relação se aprofunda porque o ambiente do parto é uma das arenas da violência obstétrica, parte vital da sociedade patriarcal. As vidas tornam-se mercadorias porque, através da chegada de um bebê existe toda a lógica produtiva que encontra a mercadoria, o valor monetário dos serviços de saúde a ideologia mercantilizada, fetichizada e alienada.

A lógica de mercantilização produtivista² que adentra o ambiente do parto baseia-se na lógica de produção capitalista, atravessando nesse sentido toda a sociedade

² Quando alio dois conceitos “lógica de mercantilização e produtivista” demonstra que existem nuances distintas entre si, mas que no que diz respeito à assistência à saúde e ao ambiente do parto elas funcionam

transformando as relações sociais. A lógica produtiva que adentra o sistema capitalista a partir do fordismo no século XX adquire implicações profundas no âmbito dos serviços de saúde e também no âmbito do parto, apresentando como sustentação a lógica da produção em massa e do consumo em massa de mercadorias – criando assim necessidades e um ritmo de consumo nunca antes visto na história das sociedades.

Harvey (2012, p.121), analisando o pensamento de Gramsci, adverte sobre a nova dinâmica implementada pelo fordismo, junto do processo produtivo, modificam-se também os seres sociais.

Os novos métodos de trabalho “são inseparáveis de um modo específico de viver e de pensar e sentir a vida”. Questões de sexualidade, de família, de formas de coerção moral, de consumismo e de ação do Estado estavam vinculadas, ao ver de Gramsci, ao esforço de forjar um tipo particular de trabalhador adequado (...).” (HARVEY, 2012, p.122).

A acumulação flexível aprofunda essa lógica, mas no sentido de flexibilizar os processos de trabalho. Surgem setores totalmente novos de produção, novas maneiras de produzir, um incremento imenso nos processos tecnológicos e organizacionais e de inovação. Uma corrida marcada pelo desenvolvimento desigual ainda mais aprofundado e mais rápido do sistema do capital - também inaugura o que Harvey (2012) chamou de compressão do espaço-tempo³. O processo do fordismo seguido da acumulação flexível traz maior variedade e formas de organizar o espaço-tempo dos serviços (aqui incluímos os serviços de saúde, as instituições de saúde) atingem em cheio todo o ambiente do parto e transformam cada vez mais a lógica daquilo que é esperado da mulher, do bebê e do médico ao longo do processo.

Retornando a pressão efetuada sobre a mulher dentro desta lógica produtivista, o processo do trabalho de parto inscrito numa compreensão de espaço-tempo aligeirado, guarda relação com a produção em massa, onde o que ocorre durante o parto não é tomado em consideração, mas sim o resultado; ou seja, o bebê nascer vivo. Essa lógica delinea a necessidade da rapidez, eficácia com que o médico deve agora atender as mulheres. Num espaço mais curto de tempo, o que também inclui nos serviços novas necessidades que passam a ser consumidas. Contrariando a fisiologia do ambiente e do processo de parto - que não corresponde em absoluto com um evento rápido - a ideologia da ideologia do

identificadas com a lógica da mercantilização de um serviço de saúde, da mercantilização das relações entre as pessoas e a produtividade exigida da mulher no ambiente do parto que a coloca num lugar de trabalhadora e ao mesmo tempo de objeto coisificado.

³ “O tempo de giro- que sempre é uma chave da lucratividade capitalista – foi reduzido de modo dramático pelo uso de novas tecnologias produtivas (automação, robôs) e de novas formas organizacionais (como o sistema de gerenciamento de estoques “just in time”, que corta dramaticamente a quantidade de material necessária para manter a produção fluindo). Mas a aceleração do tempo de giro na produção teria sido inútil sem a redução do tempo de giro no consumo (...) A estética relativamente estável do modernismo fordista cedeu lugar a todo o fermento, instabilidade e qualidades fugidias de uma estética pós-moderna que celebra a diferença, a efemeridade, o espetáculo, a moda e a mercadificação de formas culturais.” (Harvey, 2012, p. 148).

capital institui um novo tipo de parto: o parto rápido “delivery”, obedecendo a lógica da lucratividade.

A lógica organizacional do espaço-tempo passa a comprimir as mulheres e seus bebês e a mercantilização do ambiente do parto diante da lógica de produção em massa e é profundamente prejudicial para os processos de saúde, sobretudo para um processo que envolve o nascimento de outros seres humanos, que envolve forte singularidade e tempo subjetivo. Para Thompson (1998) “Na sociedade capitalista madura todo o tempo deve ser consumido, negociado, *utilizado*; é uma ofensa que a força de trabalho meramente “passe o tempo”.”(p.298. Grifos originais). É visível toda essa lógica a qualquer mulher que já esteve em uma maternidade ou que teve seu processo de parto interrompido para uma cesariana de emergência ou que teve todo o ambiente ditado pelas regras de espaço-tempo e pela organização temporal do hospital. Todo o complexo estrutural estabelecido pela ordem e reproduzido pela instituição na qual a mulher em trabalho de parto adentra não permite que ela “passe o tempo”, que ela aguarde seu trabalho de parto de maneira singular e respeitosa. A violência obstétrica também se baseia hoje na dinâmica mercantil-produtivista do parto.

Um dos aspectos mais degradantes da ordem social é que reduz os seres humanos à condição reificada, a fim de adequá-los aos estreitos limites da *contabilidade do tempo* do sistema: o único gênero de contabilidade – extremamente desumanizadora – compatível com a ordem social do capital (MÉSZÁROS, 2007, p.42. Grifos originais).

Ideologia dominante e a sustentação da violência obstétrica

A ideologia dominante, embora seja parte fundamental dos esquemas de dominação-exploração no campo das ideias é também *força material*. Força que se transforma em ação. Através do entendimento de que a ideologia dominante é *uma forma de consciência*, existindo ao mesmo tempo no interior da sociedade outras formas de consciência. Alargo o entendimento da violência obstétrica compreendendo de que forma a lógica produtivista e os determinantes ideológicos do positivismo e neopositivismo participam dos processos do partear.

A violência obstétrica sofrida pela mulher corresponde a uma estrutura social que a violenta cotidianamente. A compreensão da violência sofrida passa, deste modo, necessariamente pelo desvelar desta relação. Pelo conhecimento acerca daquilo que viveu, pela obtenção de informação, pela prática reflexiva. O processo de colocar-se no lugar de questionamento acerca da violência que viveu é passo imenso na vida das mulheres, pois, ao reconhecer a existência de um processo violento no ambiente do parto abre-se a possibilidade de reflexão acerca da sociedade como todo. É potente, portanto, o enfrentamento da violência obstétrica, embora seja tão velozmente encoberto pela missão social capitalismo (LUKÁCS, 2012).

Partimos do pressuposto de que a ideologia é parte do processo de produção material das relações sociais de produção. Entendendo que as ideias que dominam uma época histórica são as ideias dominantes. Ou seja, a ideologia, enquanto materialização de ideias corresponde ao arcabouço ao qual está relacionada. A classe que detém os meios de produção material, a classe burguesa, também detém os meios de produção espiritual, a ideologia.

As ideias dominantes não são nada a mais do que a expressão ideal (ideologia) das relações materiais dominantes, são as relações materiais dominantes apreendidas como ideias; portanto, são a expressão das relações que fazem de uma classe a classe dominante, são as ideias de sua dominação (MARX, 2007, p.47).

Para Mézáros ideologia significa uma forma específica de consciência. De tal modo que não pode ser superada na sociedade de classes

Sua persistência se deve ao fato de ela ser constituída objetivamente (e constantemente reconstituída) como *consciência prática inevitável das sociedades de classe*, relacionada com a articulação de conjuntos de valores e estratégias rivais que tentam controlar o metabolismo social em todos os seus principais aspectos. (2012, p. 65. Grifos originais)

Aqui construo intersecções entre Mézáros (2012), Marx (2007) e Reich (2001) na defesa de que a ideologia se transforma em força material e social e que dela se erguem outros complexos sendo fundamental para compreender a ordem patriarcal capitalista.

A ideologia é entendida aqui como forma de consciência. Ao mesmo tempo em que existe uma força material dominante que determina uma forma de consciência, existe também outra força material – dos dominados – que determina outra forma de consciência. A ideologia é fruto da constituição desigual da sociedade de classes e não pode desaparecer sem que seja superada essa mesma sociedade de classes. Ao passo que, o sistema patriarcal-racista-capitalista é sistema também inscrito em dado momento histórico, compreende-se sua superação na medida em que se compreende a superação desse complexo social de dominação-exploração. Lukács (2010) apresenta que “as ideologias podem proporcionar tanto uma aproximação do ser como um afastamento dele” (p.38). O ser aqui sendo o ser social e a possibilidade de aproximação com a universalidade do ser está organicamente relacionada à necessidade de construção de possibilidades de futuro.

Para Reich (2001), é fundamental que se desenvolva uma psicologia política que por sua vez é capaz de compreender a estrutura do caráter do ser humano de dada época histórica. A estrutura de caráter corresponde ao modo de pensar, agir, os efeitos que sobre ele exercem as contradições de sua existência. Para o autor, a psicologia das massas, estava presente na teoria desenvolvida por Marx quando este estuda o arcabouço da *ideologia*. Reich (2001) defende que o presente na ação das massas é consequência de um passado. “[...] o pensamento e a ação das massas, quando irracionais, isto é, quando

contrários à situação socioeconômica do momento, são consequência de uma ação socioeconômica *anterior*” (p.19. Grifo original). Este processo explica porque e, de que forma, diante dos momentos mais complexos da vida social erguem-se estruturas retrógradas de violação. É extremamente complexo compreender um processo de violações de maneira racional, porque ele é parte de um processo que animaliza, irracionaliza o outro ser “[...] o processo irracional de formação de uma ideologia cria, por sua vez, estruturas irracionais nos homens” (idem, p.74) onde a sustentação da violência se dá através de estruturas sociais complexas.

Existe uma relação essencial entre a estrutura econômica da sociedade e a estrutura psicológica dos seus membros, não somente no sentido de que a ideologia dominante é a ideologia da classe dominante, mas também – o que é mais importante para a solução prática de questões políticas – no sentido de que as contradições da estrutura econômica da sociedade estão enraizadas na estrutura psicológica das massas oprimidas (REICH, 2001, p.22).

Ao mesmo tempo em que se reprime a energia vital se mantém um tipo de sexualidade violenta e sádica. Existe uma série de demonstrações objetivas deste processo como: violações aos direitos das mulheres que são entendidas no interior da sociedade patriarcal como parte do que é comum; o estupro coletivo como prática de disciplinamento que ocorre em algumas culturas; o casamento de crianças com homens muito mais velhos; a normatização da violência e do espancamento como forma de correção da mulher; o linchamento público, até normas de conduta discursivas ideológicas como a histerização, o dever de cuidar dos filhos e ser boa esposa, sua fragilidade, sua incapacidade, sua irracionalidade etc. A ideologia é nesse sentido, força material, transformando a estrutura psíquica dos seres humanos, na medida em que é *força ativa/poder material* no seio da sociedade.

Só bem mais tarde, com o estabelecimento de um patriarcado autoritário e com o início das divisões de classe, é que surgiu a repressão da sexualidade. É nesse estágio que os interesses sexuais gerais começam a atender aos interesses econômicos de uma minoria; isto assume uma força organizada na família e no casamento patriarcais. Com a limitação e a repressão da sexualidade, a natureza do sentimento humanos se altera; aparece uma religião que nega o sexo, e que, gradualmente constrói sua própria organização de política sexual (REICH, 2001, p.27).

Entende-se assim o processo de constituição do patriarcado também como uma estrutura psíquica, como a constituição de um caráter inscrito num dado tempo histórico. Através disso é possível inscrever a violência cometida contra mulheres no ambiente do parto como parte da constituição psíquica reproduzida e recriada na subjetividade da constituição dos seres humanos na sociedade patriarcal. Fato que também revela porque a violência pode ser e é, perpetrada por mulheres (profissionais de saúde) no ambiente do parto, mas também por familiares, indivíduos de sua comunidade, religiosidade e cultura. Assim, o fenômeno da ingerência da violência por outras mulheres; pouco visto em outras formas de violação dos direitos das mulheres na violência obstétrica ganha relevo. O fato de muitas vezes a violência ser efetivada pelas mulheres que assistem ao parto é importante, pois isso também influencia na forma como as mulheres que sofrem violência compreendem a violência. Aqui é clara a onipresença do patriarcado, sustentado mesmo sem a presença de um homem.

As mulheres, enquanto parte da sociedade também vivem processos de contradição. Também exercem relações de poder e dominação e podem ser violentas. Por exemplo: mães que violentam crianças, profissionais de saúde que violentam pacientes, e outros. A distinção central que gostaríamos de apresentar é que, mesmo que as mulheres perpetrem a violência elas enquanto categoria, não tem um projeto de dominação-exploração dos homens.

As mulheres como categoria social não têm, contudo, um projeto de dominação-exploração dos homens. E isto faz uma gigantesca diferença. Com relação a crianças e a adolescentes, também as mulheres podem desempenhar, por delegação, a função patriarcal. Efetivamente, isto ocorre com frequência (SAFIOTTI, 2001, p.116).

Para Safiotti, a ordem patriarcal de gênero prescinde da presença física de um representante para que esteja em movimento. Cada ordem social é capaz de criar ideologia que submete as massas uma normatização de conduta que busca atingir seus fins e objetivos fundamentais (REICH, 2001, p.21).

Gostaria também de apresentar elementos que auxiliem na compreensão da neutralidade da ciência. A ideologia dominante busca constituir um campo de sustentação consciente (ideologia) onde a tecnologia paira com neutralidade⁴. Inscrevo a suposta neutralidade da ciência no desenvolvimento de um aparato filosófico-ideológico da lógica produtivista. Através do desenvolvimento do positivismo e a concepção de realidade sustentada por ele, se estabelece uma cisão entre ontologia (totalidade dos processos que envolvem o ser social) e matéria – dando ênfase para a última. A suposta neutralidade da ciência e tecnologia sob o capitalismo é parte do complexo de sustentação e legitimação na violação dos direitos das mulheres no ambiente do parto.

Para as mulheres a cisão entre a totalidade dos processos vividos e a matéria significa submeter seus corpos a todo tipo de estudo e mecanização, esquadrinhamento a fim de estabelecer regras matemáticas à exaustão. Os exemplos vêm das inovações médicas que encontram eco nessa cisão entre corpo e mente.

O conhecimento⁵ é uma das mercadorias utilizada e apresentada no ambiente do parto e que instrumentaliza muitas vezes a violência obstétrica que no caso do parto está sob a tutela da ordem médica e não da mulher. O conhecimento produzido no interior da sociedade capitalista serve como poder e como barganha, adquirindo cunho monetário e lucrativo. Estando sob a tutela da medicina muitas vezes não é questionado, não existe contraposição ao argumento no ambiente do parto quando a autoridade médica diz para a mulher que seu bebê está correndo risco de vida. O conhecimento que exprime a posição

⁴ Mészáros (2012) e Lukács (2012) desenvolvem essa compreensão de maneira particular mas muito complementar. Para melhor entendimento ver bibliografia.

⁵ Por esse motivo também têm adquirido importância a medicina baseada em evidências. Pois todo o conhecimento produzido por ela tem auxiliado demasiadamente o ambiente do parto colocando em cheque uma série de procedimentos violentos.

do poder do macho enquanto base de sustentação da violência obstétrica é central e ergue-se sobre a mulher adquirindo sustentáculos no corpo social.

No ambiente do parto essa questão ganha relevo central, porque o processo de violência sofrido pela mulher é relativizado pela ordem médica e também justificado sob a perspectiva de que se não ocorresse a violação de seus direitos haveriam consequências ao bebê e até mesmo a morte. E, a partir do momento em que a vida do bebê é colocada a prova toda e qualquer violência têm o aval de ser perpetrada. A mulher fica refém de uma violência velada sob o poder do conhecimento. Refém da violência que sofre e não sabe que sofreu, porque existe uma estrutura ideológica que relativiza a violação e sua dor.

O silenciamento da violência sofrida pela mulher no ambiente do parto não é de menor importância, atuando como a violência do silêncio. A vida das mulheres é atravessada por violência. A mulher grávida pode ter sofrido uma série de violações anteriores a violência obstétrica. A violência atinge o modo de colocar-se no mundo da mulher, atinge a relação com seu filho, a relação com seu próprio corpo, a relação com outras pessoas, a relação com a sexualidade. E, no contexto onde a mulher compreenda a violência que sofreu existe a palavra do médico que relativiza e desacredita sua vivência, pois está baseado no poder da ideologia que é conferido; no poder sobre a vida; no poder de uma ordem androcêntrica e misógina.

Nessa perspectiva considero o patriarcado também como ideologia e sua força material um dos principais obstáculos no desenvolvimento de uma reflexão e ação autônomas que visem a emancipação humana – ao mesmo tempo em que coloco a própria contradição deste processo como profícua, entendendo que existe a possibilidade de desvelar a realidade e construir força ideal na qual a mulher seja compreendida como humana e que se busque a constituição de uma ideologia da igualdade substantiva.

Considerações finais

Mészáros (2007) nos fala acerca do tempo livre de uma sociedade emancipada, traçando distinção entre o tempo do capital e o tempo livre. O tempo imperativo do capital está extremamente ligado com a violência obstétrica sofrida pelas mulheres no ambiente do parto. Assim como o tempo livre está ligado a um parto digno, respeitoso, onde a mulher tem liberdade com relação a sua forma de agir e movimentar-se, liberdade de utilizar seu corpo, tomando suas decisões. Nesse sentido, o tempo livre, a liberdade e a autonomia da mulher em existir enquanto ser humano no interior da sociedade está em oposição ao capitalismo, ao desenvolvimento de suas forças produtivas. A sociedade patriarcal, racista e capitalista afasta de maneira brutal o ser social da natureza, sua parte intrínseca como postulou tantas vezes Marx (2007) e posteriormente Lukács (2012). Assim, compreendemos que a transformação profunda da sociedade e a busca pela genericidade humana – só é

possibilitada através e pela liberdade – e, neste sentido, a liberdade das mulheres é parte central deste porvir. Não há sociedade futura enquanto existir patriarcado, racismo e capitalismo. Lutar contra a violência obstétrica é, portanto, parte da estratégia revolucionária.

REFERÊNCIAS

FEDERICI, Silvia. Calibã e a Bruxa. São Paulo: Elefante, 2017.

HARVEY, David. A Condição Pós-moderna. São Paulo: Loyola: 2012.

MARX, Karl e **ENGELS**, Friederich. A Ideologia Alemã. São Paulo: Boitempo, 2007.

MARX, Karl. Manuscritos Econômico-filosóficos e outros textos escolhidos. São Paulo: Boitempo, 2010.

MARTIN, Emily. A Mulher no Corpo: uma análise cultural da reprodução. Rio de Janeiro. Garamond, 2006.

MÉSZÁROS, István. O Desafio e o Fardo do tempo histórico. São Paulo: Boitempo, 2007.

_____. O Poder da Ideologia. São Paulo: Boitempo, 2012.

LUKÁCS, György. Prolegômenos para uma Ontologia do Ser Social. São Paulo: Boitempo, 2010.

_____. Para Uma Ontologia do Ser Social. São Paulo: Boitempo, 2012.

REICH, Wilham. Psicologia de Massas do Fascismo. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SAFFIOTI, B. Iara. Força de trabalho feminina no Brasil: no interior das cifras. São Paulo: UNESP, 1985.

THOMPSON, E.P. Costumes em Comum. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.